

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 170 — Domingo, 9 de Setembro de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TIPOGRAFIA SOCORRO

FABRICA DE CARIMBOS
PREMIADA COM O DIPLOMA DE MÉRITO
AS OFICINAS GRÁFICAS PREFERIDAS
PELAS PRINCIPAIS FIRMAS DO PAÍS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

AVENGA

A HORA DO ALGARVE

PELO MAJOR MATEUS MORENO

PERANTE a notabilíssima exposição feita à Imprensa, em 13 do mês findo, pelo ilustre presidente da Comissão Nacional das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, sobre os elementos de trabalho já reunidos pela dita Comissão para que tais comemorações possam corresponder, de facto, ao alto pensamento que as ditou, motivos mais que suficientes se oferecem ao Algarve

para que não hesite em considerar, finalmente, chegada a sua hora das realizações.

Salientando o carácter ecuménico dos fastos a evocar, disse o eminente professor dr. Caeiro da Mata:

«As comemorações destinam-se a exaltar, através da evocação da figura e da obra do Infante D. Henrique, a grande gesta dos Descobridores e a acção civilizadora dos Portugueses. Deverão constituir

uma lição de vitalidade, de confiança e de optimismo e, simultaneamente, uma afirmação do esforço e da capacidade criadora do povo português. Não estarão voltadas exclusivamente para o passado, como mera manifestação do saudosismo histórico, mas serão a demonstração do valor e das possibilidades das gerações de hoje e como que um acto de fé nos destinos da Pátria — bem necessário, nesta hora incerta da vida do Mundo.»

«O Infante — acentuou ainda o ilustre professor — foi uma grande figura, não só na história pátria, mas da história universal. Há que interessar nas comemorações todos os portugueses, tanto da metrópole

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

OS FESTEJOS DE SANTA CATARINA EM PORTIMÃO

Em virtude do tempo húmido da noite de domingo, 26 de Agosto, não ter permitido a queima de fogo de artifício, resolveu a Comissão das Festas em honra de Santa Catarina que esse fogo seja queimado em Portimão, esta noite, das 22 às 24 horas.

VISITANTE ILLUSTRE



Coronel Santos Costa

O sr. coronel Fernando dos Santos Costa, ilustre ministro da Defesa Nacional e interino do Exército, esteve, na passada semana, acompanhado de algumas senhoras de sua família, na Praia da Rocha, em visita particular.

Viajando a bordo da vedeta *Bicuda*, acompanhado do sr. general Júlio Botelho Moniz, chefe do Estado Maior das Forças Armadas, governador civil de Faro, comandante da P. S. P. no Algarve e capitão do porto de Portimão, deslocou-se a Tavira, onde foi recebido pelos srs. capitão Jorge Ribeiro e Francisco Padilha, respectivamente, presidente e vice-presidente da Câmara Municipal daquela cidade, capitão dos portos do Sotavento e directores da Companhia de Pescarias do Algarve, além de muitas outras individualidades.

Naquela cidade, visitou o «Arreal Ferreira Neto», onde lhe foi oferecido um lanche, que serviu de pretexto para a troca de amistosos brindes, e as instalações militares onde funciona o Curso de Sargentos Milicianos.

ANTÓNIO MARIA ZORRO foi homenageado

pelo Sindicato Nacional dos Jornalistas

Este nosso distinto colaborador, jornalista e escritor católico de brilhantes méritos, que brevemente parte para Angola, onde vai assumir o cargo de chefe da redacção do «Diário de Angola», foi homenageado com um almoço pela direcção do Sindicato Nacional dos Jornalistas, a que assistiram numerosos amigos do homenageado.

Agradecendo os cumprimentos que lhe foram dirigidos, António Maria Zorro prometeu defender naquela província ultramarina as tradições do jornalismo metropolitano, afirmando que não se pouparia a esforços para conseguir o ingresso dos jornalistas ultramarinos na organização corporativa da Metrópole, como é seu desejo e do próprio Sindicato.

DIRECTOR-GERAL do Ensino Primário

No gabinete do sr. ministro da Educação Nacional, realizou-se, no passado dia 5, o acto da posse do sr. dr. José Gomes Branco nas altas funções de director-geral do Ensino Primário.

Presidiu à cerimónia aquele ilustre membro do Governo, sr. prof. eng.º Leite Pinto, que se referiu, em termos do maior apreço, às qualidades de superior inteligência do novo director-geral, de quem, como seu chefe de gabinete, tem recebido a mais leal e valiosa colaboração.

O «Notícias do Algarve» apresenta respeitosos cumprimentos de felicitações ao sr. dr. José Gomes Branco, certo de que a sua acção há-de fazer-se sentir brilhantemente no sector do ensino que superiormente vai dirigir.

RECORDAÇÕES... RECORDAÇÕES...

FALANDO da fascinação que sobre o Pulido exercera a Medicina e que acabara também por me decidir a mim, cometi um lapso de memória: quem o operara, não sei de quê, fora o prof. José Gentil, irmão mais velho do actual prof. Francisco Gentil, que aquela data era ainda meramente estudante, e só veio a terminar o curso e a fazer concurso quando nós já frequentávamos a velha Escola Médica, tendo sido assim um dos nossos mais jovens professores...

Tendo feito a Politécnica juntos, juntos entrámos, o Pulido, o querido Alberto Mac-Bride e eu, para a Escola, em 1904. Mas

O DR. JOSÉ CORREIA tomou posse do cargo

de vice-presidente da Câmara Municipal desta vila

Teve lugar, no passado dia 31 de Agosto, o acto da posse do sr. dr. José Correia, distinto advogado nos auditórios desta comarca, no cargo de vice-presidente da Câmara Municipal desta vila.

A cerimónia, que teve lugar na sala nobre dos Paços do Concelho, estiveram presentes, além do sr. presidente da Câmara, que, como representante do sr. governador civil, conferiu a posse, todos os funcionários do Município e muitas pessoas desta vila e da freguesia de Cacula, donde o sr. dr. José Correia é natural.

Este jornal apresenta cumprimentos à nova autoridade administrativa do nosso concelho.

VIDA CORPORATIVA

Estivadores de terra e mar

TAMBÉM os operários estivadores do nosso porto mantêm uma legítima aspiração: a criação da sua carteira profissional, título indispensável ao exercício da profissão e para cuja instituição o respectivo sindicato está empregando todas as suas diligências.

Operários da indústria de conservas

Os operários da indústria de conservas de peixe, desta vila estão interessados na remodelação dos estatutos que regem a acção interna do seu sindicato. Para esse efeito, está já marcada a realização de uma assembleia geral.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)



Um aspecto do «Concurso das Praias» realizado o ano passado em Monte Gordo

REALIZOU-SE ONTEM

na Praia de Monte Gordo

o «Concurso das Construções na Areia»

A PRAIA de Monte Gordo viveu ontem momentos de intensa animação com a realização do Concurso das Construções na Areia, interessantíssima iniciativa do importante matutino da Capital «Diário de Notícias», que, nos últimos anos, tem levado aos pequenos frequentadores das principais praias de Portugal momentos de alegria inolvidável, pondo à prova as suas aptidões artísticas.

O número das inscrições,

à semelhança do que tem acontecido nos outros anos, excedeu, por larga margem, o número máximo de concorrentes que é possível admitir, pelo que muitos houve que tiveram de limitar-se a apreciar as habilidades dos outros, os mais afortunados — ou mais previdentes, que não quiseram correr os riscos da inscrição à última hora.

Manhã cedo, a praia apresentou desusado movimento, principalmente de «artistas de palmo e meio, alguns dos quais, prudentemente, não descuraram os «treinos preparatórios», o que julgaram preferível, e muito bem, às improvisações.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

COLABORAÇÃO

Para conhecimento dos amigos e simpatizantes do nosso jornal que nos enviam colaboração não solicitada, esclarecemos que este jornal não devolve os originais recebidos, quer sejam ou não publicados.

PANORAMA DA LITERATURA NA INDONÉSIA

POR ROLLIN DE MACEDO

escolhi a literatura, e devo dizer, desde já, que tanto a disposição para escrever como a inclinação para a leitura estão aumentando fortemente na Indonésia. O número de livros vendidos apresenta um grande aumento, o que prova o interesse crescente pela leitura.

O desenvolvimento da literatura na Indonésia está assinalado por 4 períodos: o antigo pré-indú, o indú-budista, o islâmico e o moderno. Não devemos esquecer, porém, que as épocas de grande

agitação social e política são naturalmente contrárias à abundância de nomes e figuras no terreno das letras.

Ainda não se conhece muito da literatura do antigo período pré-indú. Poucas obras desse período.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

SERVIÇO TELEFÓNICO de Alcoutim

AINDA a propósito da local, publicada neste semanário, sobre uma aspiração de Alcoutim, que deseja beneficiar de serviço telefónico permanente, e de um «Esclarecimento» da Administração Geral dos C. T. T., recebemos do sr. presidente da Câmara Municipal daquela vila a seguinte carta:

Alcoutim, 28 de Agosto de 1956.

Sr. Director do jornal «Notícias do Algarve»

No n.º 168 do jornal de que V. Ex.ª é mui digno Director, com data de 26 de Agosto corrente, vem publicada uma notícia da Administração Geral dos C. T. T., por intermédio dos Serviços de Imprensa do S. N. I., sobre o horário permanente dos telefones desta Vila, pretendendo esclarecer a interrupção deste horário.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

RELATÓRIO BALANÇO E CONTAS

DO BANCO N. ULTRAMARINO

referente ao exercício de 1955

RECEBEMOS o Relatório, Balanço e Contas referentes ao exercício de 1955, do Banco Nacional Ultramarino.

Precedido de breve introdução, em que se focam, em síntese, os principais aspectos do que foi a actividade económica nacional, metropolitana e ultramarina.

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

RENDEU MAIS DE 13.000 CONTOS

Atum e seus similares, capturados pelas armações da costa do Algarve, as seguintes quantidades, com os seus valores respectivos:

Quantidade	N.º de peixes	Valor
Atuns . . .	10.804	11.352.167\$00
Aturros . . .	2.099	1.532.008\$20
Albacoras . . .	715	516.096\$80
Cachorretas . . .	191	43.350\$90
Bonitos . . .	250	5.120\$80
		15.248.725\$40
Pargos . . .	95	3.710\$00
Total - Esc.		15.252.435\$40

Estas importâncias referem-se às seguintes Armações, respectivamente, por ordem decrescente de valores do peixe vendido nesta lota:

Armações	Valores
Medo das Cascas . . .	3.667.111\$10
Cabo Santa Maria . . .	3.154.050\$00
Abóbora . . .	2.497.564\$20
Barril . . .	2.284.774\$90
Livramento . . .	1.648.933\$20
Total - Esc.	15.252.435\$40

NA ÚLTIMA TEMPORADA

a lota local de atum algarvio

RENDEU MAIS DE 13.000 CONTOS

Terminada a época da pesca do Atum na costa algarvia (Direito e Revés), durante o presente ano, podemos fornecer aos nossos leitores os totais apurados, que recolhemos de fonte oficial. Assim, desde 24 de Maio até 20 de Agosto, findo, foram vendidas na lota de Vila Real de Santo António, de

Noticias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Foi eleito membro associativo do 'Institut International du Froid', de Paris, o nosso conterrâneo e querido amigo sr. eng. Jorge Manuel Freire Medeiros, funcionário superior da Câmara Municipal de Lisboa.

Encontra-se nesta vila, em gozo de férias, com sua esposa e filhos, o nosso amigo e estimado assinante em Lisboa, sr. Renato Adriano da Cruz.

Com pouca demora, esteve em Lisboa o nosso prezado amigo sr. Artur Serrão e Silva, ilustre director do nosso estimado colega «O Algarve», de Faro.

De visita às instalações da Cruz Vermelha Portuguesa, esteve em Coimbra, Porto e Braga o sr. capitão Mário Lopo do Carmo, comandante da Corporação dos Bombeiros Municipais de Faro e delegado dos Serviços de Censura no Algarve.

Acompanhado de sua esposa, tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa Redacção, o nosso estimado assinante sr. Sebastião Simão, funcionário do Instituto de Medicina Legal, que esteve a passar as suas férias em Almada de Ouro, em casa de sua família.

Com sua esposa, encontra-se nesta vila, de visita a sua família, o nosso prezado amigo sr. João Rodrigues Lima Centeno, tesoureiro da Fazenda Pública, residente em Setúbal.

Em gozo de férias, com sua família, encontra-se em Famalicão (Nazaré) o nosso estimado assinante sr. Camilo António Pais Mendes, residente em Lisboa.

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante sr. João Marques Colaço, funcionário judicial, residente em Cuba.

Com sua família, encontra-se a veranejar em Monte Gordo o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Alberto de Sousa Oliva, residente em Lisboa.

Vinda de Lisboa, esteve nesta vila, com pouca demora, tendo seguido para Almonte, onde foi assistir às festas de Nossa Senhora das Angústias, a menina Maria Ilusina do Carmo Perrolas, acompanhada de sua família.

Em casa da nossa assinante sr.ª prof.ª D. Luísa Alves Nunes, encontra-se a passar algum tempo, nesta vila, a sr.ª D. Bárbara dos Anjos Hilário de Paula, residente em Estómbar.

Encontra-se a férias, em casa de seus pais, a sr.ª dr.ª D. Maria das Dores Medeiros Nobre, médica na capital e esposa do nosso prezado amigo sr. dr. Ivo Madeira Neto Nobre, distinto advogado nesta comarca.

Em viagem de recreio e estudo artístico, seguiram para Paris os nossos conterrâneos srs. Miguel de Sousa Cardoso e António da Silva Pena.

Deslocou-se a Lisboa o nosso amigo e prezado assinante sr. António Pena.

Em gozo de férias, encontra-se nesta vila, com sua irmã, o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa sr. António Guerreiro Soares.

Emigração para o Canadá

Quem pretenda emigrar para o Canadá, das profissões de agricultor, deve inscrever-se nas secretarias das Câmaras Municipais dos seus concelhos, onde a inscrição se encontra aberta para pessoas de 22 aos 30 anos com a habilitação mínima da 5.ª classe, que tenham boa rebozest física e estejam em condições financeiras de fazer face às despesas de deslocação, calculadas em 10 a 12 contos.

No caso de casados, devem a mulher e filhos estar de perfeita saúde, porque, apesar de não seguirem com o chefe de família, terão de ser examinados pela Comissão Canadiana.

Esta inscrição encontra-se aberta desde 15 de Agosto até ao dia 15 de Setembro do corrente ano.

Conta Gotas

[CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA]

a cara toda; o cabelo ralo estampado na testa como o cabelo dos bonecos de celulóide; a água escorrendo nos olhos, no nariz, no queixo; os saltos da balastrada do cats, os mergulhos demorados, oh!, demorados...

Sim, faltam-me as palavras para descrever a alegria. Por tudo. Porque não sou escritor, etc., mas também porque é uma alegria a que eu não adiro totalmente.

Se me permitem, vou continuar

A esta imagem outra se sobrepõe. Aqui, as águas são turvas. Mais ao largo, são azuis. Mais ao largo... Aqui, na ressaca da atracação, lembram as poças lodosas dos barrancos. Boiam, de encontro aos corpinhos magros dos meninos, cascas de laranja, pontas de cigarro, papéis, peles de coelho, excrementos...

Aqui, Na outra imagem, não. A outra imagem dá-me a piscina do Luso. A piscina do Grande Hotel, sabem? Chapéus de Sol alegres, festivos. Música. Flores em volta. O tanque é de um azul fortíssimo, como se dissolvessemos um grande naco de céu num copo de água. As crianças brincam. Chilreiam. Espadnam. Aprendem a nadar, com professor e tudo. Corpinhos róseos, luzidios, musculados. Dentaduras avulsas...

As crianças ricas são tão bonitas! diz a M. N., à minha beira, com uma voz triste. Diz—não. Dizia. Em frente dos meus olhos, agora, na água turva, brinca 13 golfinhos quase nus. Brincam, com as peles de coelho e a sujidade a bater-lhes nos braços, nos olhos... Brincam com a felicidade — e com a morte.

Oh!, com ponto de exclamação e tudo

Vergonha! Vergonha em dizer o que vou dizer! Pois é verdade. Não conheço a Praia da Rocha. Um mês em S. Brás de Alportel, com fugas rápidas e improvisadas (Maria Isabel, lembra-te?) a Monchique — e ficou por aí o meu conhecimento à amorosa terra algarvia.

Oh!, com ponto de exclamação e tudo. Viajado. Conhecia a «Europa do Mundo» como dizia a senhora Leocádia. Uma vez, a propósito de praias, afirmou que «la plus belle» era a Praia da Rocha. A Praia da Rocha, «vous savez...»

Eu, indecisa. Embaraçada. Sem adiantar. Uns olhos tipicamente franceses, prescritadores, ao mesmo tempo arrojadados e delicados, não me davam tempo a resolver a pasmaceira. Pelo contrário, aumentavam-na ainda.

— Não conhece a Praia da Rocha? Oh! Este «Oh!», com seu ponto de exclamação e tudo, não diz nada. Não diz o sorriso benevolente, compreensivo, do avô que perdoa uma travessura. Não diz a censura velada. A ironia que fere sem violência. «Você, portuguesa, e não conhece a Praia da Rocha...» Traduzi eu o sorriso em português.

Jurei a mim mesma. Logo que puder — Praia da Rocha. Praia da Rocha e as outras praias do Algarve. Peço a Teixeira Gomes que me dê o braço — e abalo.

Maria Manuela Nunes

POEMA PERDIDO

Vi um poema a boiar No azul do mar...

Dentro de mim nasceu Algo que não sei explicar E debrucei-me Na ansia de o apanhar...

Porém o Poema, Que era de amor, Fugiu para longe, pra longe da minha dor...

Vi um Poema a boiar No azul do mar, Mas eu, pobre Poeta Não o pude cantar...

Casimiro de Brito

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.



PROVINCIA

TAVIRA

Ministro da Defesa

Esteve em Tavira o sr. ministro da Defesa Nacional e interino do Exército, sr. coronel Fernando dos Santos Costa, acompanhado do chefe do Estado Maior General das Forças Armadas Portuguesas, sr. general Botelho Moniz e de vários convidados. Desembarcaram no ancoradouro das Quatro-Águas, onde eram aguardados pelos srs. Governador Civil de Faro, eng. Mascarenhas Gaivão, presidente da Câmara Municipal, sr. capitão Jorge Ribeiro, sr. tenente Francisco Solésio Padinha, comandante Henriques de Brito, etc. Os ilustres visitantes percorreram demoradamente as magníficas instalações do «Arraial Ferreira Neto», onde depois foi servida uma magnífica merenda, oferecida pelas companhias de Pesca do Atum da Costa de Tavira. Seguidamente o sr. ministro deslocou-se a Tavira, tendo visitado o quartel da Atalaia, onde se encontra instalado o «Centro de Instrução de Sargentos Militarianos», retirando, depois, para Lisboa.

Paços do Concelho

Mais uma vez se encontram paralizadas as obras do edificio dos Paços do Concelho, desta cidade. Segundo nos informam, trata-se de falta de cimento. Por este andar, temos edificio daqui a 10 anos. Pouca sorte existe em Tavira nas obras de carácter público. Fazemos votos para que em breve esta anomalia deixe de existir.

Pesca do Atum

Terminou a temporada das armadilhas de Atum, na costa de Tavira, com o seguinte resultado: «Abóbora» 4.300.000\$00; «Medo das Cascas» 4.280.000\$00; «Barril», 3.340.000\$00; «Livramento», 3.129.000\$00.

Noticias Pessoais

Esteve entre nós o sr. major Francisco Eduardo Nazaré, comandante da Guarda Fiscal no Porto.

Em gozo de férias, tem estado na praia de Tavira o sr. dr. João do Nascimento Mansinho, professor do Liceu de Castelo Branco.

Com sua família, encontra-se veraneando na praia de Lagos o nosso prezado amigo sr. capitão Pedro dos Santos Machado, residente em Faro. — e.

MOVIMENTO DE CONSTRUÇÃO NAVAL na nossa terra

Nos estaleiros do construtor naval desta vila, sr. José do N. Gomes & Filhos, foi lançada ao mar, no passado dia 5 do corrente, uma nova enviada de pesca, destinada a uma das principais firmas armadoras deste centro. A nova unidade pesqueira, que mede 14 metros de comprimento por 4,37 metros de largura, com um pontal de 1,59 m., foi posto o nome de «Santa Rita».

Consta-nos que no plano inclinado do construtor naval sr. António Pena vai também ser construída uma embarcação destinada a passageiros, para a travessia do Rio Tejo, por encomenda da Empresa de Transportes Tejo, Lda. da capital. A nova unidade será construída parte em ferro e o restante em madeira, tendo de comprimento 26,50 metros e de largura 6,42 m. A lotação de passageiros prevista é de 400 pessoas.

Por se tratar da primeira construção deste género que se leva a efeito nos nossos estaleiros, salientamos a importância de que o facto se reveste, pela honrosa cotação já atingida, nos meios armadores, pela construção naval desta vila, que assim se vê honrada com encomendas de certa importância, o que muito nos regozija.

CONTABILISTA / GUARDA-LIVROS

Precisa-se, devidamente habilitado e com prática, de preferência, connecendo francês e inglês. Resposta à Portugália Industrial, Lda. — PORTIMÃO.

VENDE-SE

Propriedade «Rio Seo» — Faro. Três culturas por ano. Informam: António Sousa Ramos, solidador em Faro, ou João da Mesquita, Calçada da Palma de Baixo, n.º 31-1.º, Dto. — Lisboa Telefone 781963.

ODELEITE

Aniversário

Em 29 de Agosto, findo, e 8 do mês corrente, fizeram anos, respectivamente, as meninas Maria Gomes Rodrigues e Maria Lúcia Xavier Cavaco. Os nossos votos de felicidades.

Noticias pessoais

Com sua esposa, sr.ª D. Felisbela de Paiva Freitas Farinha, retirou para Lisboa o sr. eng. Osvaldo Simões Farinha, que, como anunciamos, veio passar a esta aldeia parte das férias.

A fim de tratar de assuntos particulares, vimos em Odeleite o sr. João Baptista Milho, empregado do contratista sr. Bento Rodrigues.

Doente

No monte da Fonte do Penedo, desta freguesia, foi atacada de doença grave a sr.ª D. Adelina Rodrigues. Ao que nos informam, já se encontra melhor e desejamos-lhe completo restabelecimento. — e.

INSTITUTO MATERNAL

Escolas de Enfermeiras-Parteiras-Puericultoras

Até 10 de Setembro corrente, está aberta a inscrição para a frequência, no próximo ano lectivo, dos cursos de enfermeiras-partearas-puericuloras, que funcionarão em Lisboa na sede do Instituto Maternal — Maternidade dr. Alfredo da Costa, — na Delegação do mesmo Instituto no Porto e na de Coimbra. Os cursos têm a duração de um ano lectivo, seguido de 6 meses de estágio.

Podem ser admitidas a matrícula diplomadas com o Curso Geral de Enfermagem ou ainda senhoras habilitadas com o 2.º ano do mesmo curso do actual regime de ensino, estas últimas o título excepcional e em consequência da falta de enfermeiras-partearas-puericuloras em número suficiente para atender às necessidades dos serviços oficiais e particulares. Pelo mesmo motivo poderão ser concedidas isenções do pagamento de matrícula e subsídios de estudo às alunas cuja situação económica o justifique.

As candidatas a matrícula deverão indicar se desejam, ou não, frequentar os cursos em regime de internato e qual a Escola em que pretendem ingressar.

As enfermeiras-partearas-puericuloras que trabalham em serviços oficiais são abonados vencimentos superiores em 20% aos que percebem as enfermeiras com o curso geral.

Na sede do Instituto Maternal em Lisboa e nas delegações do Porto e de Coimbra prestam-se todas as informações sobre a frequência dos referidos cursos.

O «Noticias do Algarve» torna o Algarve maior, fazendo-o chegar a toda a parte. Faça com que o Algarve chegue cada vez mais longe, conseguindo um novo assinante.

RELATÓRIO BALANÇO E CONTAS

DO BANCO N. ULTRAMARINO

referente ao exercício de 1955

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

na, durante o ano findo, este documento mostra-nos, com a eloquência dos números, a extraordinária importância e expansão atingidas pelo Banco Nacional Ultramarino, situando-o numa posição privilegiada entre as nossas organizações de crédito, com particular projecção, principalmente, no Brasil, França e Inglaterra.

Melhor que quaisquer considerações que pretendêssemos referir sobre a opinião formada depois da leitura do Relatório que temos presente, falam os seguintes números, que nos limitamos a extrair dele: Assim, citaremos que os lucros ilíquidos, em 1955, ascenderam a 292.606 contos, mais 32.788 contos do que no ano anterior — registando o próprio relatório que nunca o Banco Ultramarino realizou lucros ilíquidos tão elevados. Os encargos do Banco totalizaram 166.484 contos, cifra que excede a do ano anterior em 8.602 contos. As contribuições e impostos pagos em 1955 montaram a 14.083 contos. Os juros creditados nas contas de depósitos e outras somaram, no mesmo ano, 18.254 contos.

Outros números: Juros de letras descontadas, créditos caucionados e de diversas contas — 155.711 contos; rendimento de títulos de crédito — 6.435 contos; comissões, prémios de transferências e resultados em diversas operações — 180.458 contos.

Os saldos das contas correntes elevavam-se, em 31 de Dezembro de 1955, a 1.327.424 contos, dos quais pertencem ao Ultramar 677 840 contos. A carteira comercial atingia, no fecho do balanço, 2.282.204 contos, dos quais 171.760 contos pertencentes ao Ultramar.

Poderíamos, ainda, utilizando a mesma fonte, indicar outras verbas representativas da transcendente importância que o B. N. U. alcançou em todos os sectores da vida económica da Metrópole e das províncias ultramarinas. Cremos, todavia, que os números já apontados são, por si só, bastante expressivos, dispensando perfeitamente quaisquer comentários que lhes quiséssemos adicionar.

EXCELSIOR As melhores tintas para navios de pesca e comércio. TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL. Depositário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES. Avenida da República - Telefone 12.

FARMÁCIA DE SERVIÇO Está de serviço permanente, de 8 a 14 de Setembro, a Farmácia CARRILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

Assina e propaga «Noticias do Algarve»

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 1 a 7 de Setembro:

Table with columns for names and amounts. Includes TRINEIRAS (Tozé, Raulito, Ramira, Sul, Conceicanita, Levante, Triunfante, Liberta, Portugal VI, Deolinda Rita, Agadão, Sol, Infante, Pinguim, Maria Rosa, Maria Benedito, Audaz, Janita, Luís Fernando, Rajada, Flor do Sul, Pérola do Guadiana, Tóluís, Oca, Brisa, Cine, Flor do Guadiana, Sete Estrelas, Lola, Norte, Praia Amélia, Leste, Salvadora, Costa Azul, Sr. Nascente, Brios, Lenita, Alvarito, Noroeste, Sr.ª da Piedade, Oeste, S. Paulo, Mirita, La Rose, Novo S. José) and CERCOS (Novo Machado, Amazona).

MOVIMENTO DE NAVIOS NO PORTO de Vila Real de Santo António De 1 a 7 de Setembro:

Table with columns for ship names, origins, and destinations. Includes Entrados (CEMENTOS RESOLA N.º 1, ZÉ MANEL, GORGULHO, COSTEIRO, LAUPEN, ROLANDECK) and Saídas (COSTEIRO, GORGULHO, MONTEADOR, CEMENTOS RESOLA N.º 1, ZÉ MANEL, LAUPEN).

Agradecimento Eduardo Rosa Meneses

Sua mãe, irmã e mais família, na impossibilidade de agradecerem pessoalmente a todas as pessoas que acompanharam o seu funeral e manifestaram por qualquer forma o seu pesar, agradecem por este meio todas as manifestações de interesse e de simpatia recebidas.

PORTO RAINHA SANTA ATÉ OS ANJOS BEBEM!... RODRIGUES PINHO & C.ª Vila Nova de Gaia. Image of a Rainha Santa wine bottle.

UM CONTO QUASE VERDADEIRO ...

VISÕES

TANTAS e tantas visões ensombram por vezes a realidade.

E, consoladoramente, certas visões minoram, também, situações deploráveis.

Havia um rapaz que, fora do habitual, tinha repetidamente visões...

Sonhando acordado, ele, um modestíssimo empregado de escritório, via-se director de uma importante empresa. Prometia a si próprio que seria exemplar no exercício do seu importante cargo.

Mas, entretanto, ali continuava, de manga de alpaca, a fazer somas e a alinhar números.

Em geral, o seu pensamento deambulava ausente da razão.

— Oh, José Augusto — chamava um colega — não ouves o que estou a dizer-te? Parece que estás na lua, homem!

Não era bem na lua que ele estava. Geralmente, habitava o país dos sonhos...

De regresso a casa, a visão continuava. Sentava-se, comodamente, e via-se a viajar: França, Itália e Suíça eram os seus países predilectos, e já tinha vastos conhecimentos sobre eles, através de leituras.

Na França, via-se a visitar museus, monumentos, igrejas e todas as obras de arte dignas de serem admiradas. Na Itália, com os olhos fitos no Vaticano, supunha-se na praça de S. Pedro, ouvindo o Santo Padre numa das suas simpáticas alocuções. Na Suíça, serpenteava pelas estradas que circundam os vários lagos.

Sob aquela paisagem soberba e inconfundível, José Augusto, armado em turista, era feliz.

— Oh filho, vem jantar! Já te chamei várias vezes. No que pensavas?

— Sei lá, minha Mãe! Olhe, quer que lhe diga, andava a viajar por vários países. Mas quando me chamou, já tinha chegado à Suíça. É linda, não calcula, gostava que a visitasse um dia!

A mãe, bondosamente, sorria. Ela sabia que o filho era um sonhador.

— Meu Deus, filho! — disse, de novo, a mãe — deixas arrefecer a sopa. Voltaste temporariamente para a Suíça?

Não gracieje, minha Mãe, estava distraído. Mas ele era, incontestavelmente, um artista que apreciava o belo, aquilo que as mãos dos mestres executaram. Em música, quem mais o extasiava era Chopin. Quando ouvia alguma composição do genial artista, era transportado às regiões celestiais.

Na pintura admirava vários dos incomparáveis artistas do pincel: Miguel Angelo, Rembrandt, Columbano, Malhoa e outros.

Mas era na poesia que José Augusto mais se deleitava.

Lia, com visível agrado, João de Deus, Antero de Quental, Camões, António Nobre, Florbela Espanca, José Duro, Cesario Verde, Fausto Guedes Teixeira, António Feijó, Bocage e Bernardo Passos. Embora fossem estes os preferidos, José Augusto também costumava ler os simbolistas e os modernistas.

Tentara fazer versos, mas em vão.

Não era capaz de escrever nada de aproveitável e

continuava a ler os versos dos poetas imortais.

E este pobre sonhador ia vivendo entre as suas quiméricas fantasias e a realidade. Se, de facto, ele viajasse, como saberia apreciar essas maravilhas que se nos deparam à vista, ou feitas pela Natureza ou pelas mãos extraordinárias de homens de génio.

Contudo, vai viajar tanta nulidade que nem sabe o nome das terras por onde passa... Muito menos descrever, ainda que deficientemente, aquilo que viu. Mas é assim, e José Augusto, resignadamente, ia levando a sua vida de modesto empregado de escritório.

Todavia, José Augusto possuía sentimentos intrinsecamente bons. Além disso, um distinto apreciador do precioso, do surpreendente, do magnífico!

Também Florbela Espanca, essa esfinge do sonho e da poesia, disse em versos sentidos como se julgava soberanamente perfeita quando sonhava:

Sonho que sou a Poetisa eleita,
Aquele que diz tudo e tudo sabe,
Que tem a inspiração pura e perfeita,
Que reúne num só verso a imensidade!

Sonho que um verso meu tem
Para encher todo o mundo! E que
Mesmo aqueles que morrem de
Mesmo os de alma profunda e

Sonho que sou Alguém cá neste
Aquele de saber vasto e profundo,
Aos pés de quem a terra anda

E quando mais no céu eu vou
E quando mais no alto ando
Acordo do meu sonho...

E não sou nada!

Natércia Algarve

VENDEM-SE

Duas moradas de casas, uma na Praça 5 de Outubro, e outra na Rua Cândido dos Reis, 6.

Tratar na Rua Vasco da Gama, 3, nesta vila, ou na Rua Pedro Álvares Cabral, 27, em Monte Gordo.

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

S I M . . .

Deseja comprar V. Ex.^a lindas ofertas em VIDRO ou LOUÇA «VISTA ALEGRE» não pagando luxo?

SÓ NA

MERCEARIA NOVA

DE

JOSÉ BENTO DE SOUSA e FILHO

RUA BARÃO DO RIO ZÉZERE, 19

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO



DESPORTO

A DIRECÇÃO DO LUSITANO

esforça-se por elevar o prestígio e mérito do clube

— disse-nos o seu vice-presidente, sr. Luís Félix da Silva

IGNORANDO por completo os projectos e resoluções da direcção do Lusitano Futebol Clube, propusemo-nos entrevistar um dos seus directores, a fim de nos elucidar suficientemente sobre o que se pensa fazer nesta próxima época; quais as aspirações do clube; o que há de novo sobre treinador e jogadores; quais os prováveis elementos que formarão a equipa de futebol, etc.

Escolhemos para nos elucidar, o sr. Luís Félix da Silva, vice-presidente do clube — director dinâmico, a quem muito deve o Lusitano. Sem ele, talvez que nesta data o nosso Lusitano já não existisse. Recordai-vos das crises atravessadas nas assembleias do ano passado, para a formação de uma direcção. O período era crítico. Todos se recusavam, pois os cargos eram espinhosos. Mas ele, e sempre ele, lá estava à frente dos raros amigos do clube, que, após uma sólida união, conseguiram dominar a crítica situação, formando uma direcção que hoje ainda se conserva. Aqui lhes rendemos merecida homenagem.

Após um esclarecimento do que pretendíamos, o sr. Luís rapidamente se prontificou a fornecer as informações necessárias. E assim demos início à conversação:

— Diga-nos, por favor, quais os projectos da direcção, para esta nova época desportiva?

— A Direcção do Lusitano esforça-se por elevar o prestígio e mérito do clube e está animada da melhor vontade. Conta-se com os jogadores da época passada e mais alguns elementos novos. E ainda nossa intenção participar este ano no Campeonato de Juniores, prova absolutamente indispensável e de grande utilidade para o nosso futebol.

— Tem esperanças de que a equipa adquira melhor classificação?

— Estou convencido dis-

so, pois o conjunto é o da época anterior, sendo de esperar que tenha mais ligação entre si. Creio que conseguiremos ir à fase final e, com um pouco de sorte, até à 2.^a divisão.

— Quais os elementos que a formarão?

— Todos os jogadores da época anterior, com a inclusão do ex-Farense Antunes e de um guarda-redes. E' provável que contemos mais este ano com o concurso de Padesca, apesar de ainda nada haver de concreto. Se o Sporting da Covilhã não aceitar as nossas condições, o avançado Amílcar alinhará na nossa equipa.

— A equipa de basquetebol, recentemente constituída no Lusitano, participará ainda este ano no Campeonato Regional?

— A equipa, que é formada pelos melhores praticantes desta modalidade na nossa terra, deve participar nas provas oficiais e para esse efeito já entrou em contacto com a Associação de Basquetebol. Mais uma secção desportiva criada pelo Lusitano, que muito o engrandece.

— E' verdade que a equipa de ténis de mesa do Benfica se desloca a Vila Real a convite do Lusitano?

— Sim, contamos com a equipa principal de ténis de mesa, as reservas de futebol e o conjunto de basquetebol do Benfica, na nossa terra. Este programa desportivo, que se deverá realizar em Novembro ou Dezembro, de tão elevado significado, deve fazer vibrar todos os adeptos do popular Benfica.

— Fala-se num treinador novo para o Lusitano!

— Confirmo o boato, pois teremos esta época o treinador Eduardo Augusto, desportista sobejamente conhecido, tendo já dirigido algumas equipas da 1.^a divisão, tais como o Vitória de Setúbal e o Boavista.

— A direcção tem encontrado obstáculos na massa associativa?

— Sim, continuamos a encontrar dificuldades na massa associativa, que tem demonstrado falta de interesse e não tem dispensado aquele carinho acolhedor que entusiasma uma direcção e um clube. Agradecemos o auxílio prestado pela indústria da vila, e contamos que este ano corresponda de igual maneira. E' nossa intenção melhorar o campo de futebol e, para esse fim, confiamos no apoio do sr. presidente da Câmara Municipal, pessoa conscienciosa e apreciadora do desporto.

— Para terminar esta entrevista, diga-nos, sr. Luís Félix, está satisfeito por continuar mais uma vez a dirigir os destinos do clube?

— Apesar de já oito ou nove vezes ter pertencido à direcção do Lusitano, continuo satisfeito por fazer parte dela mais um ano, pois sinto profundamente os problemas do meu clube. O meu maior desejo era ele alcançar uma posição no futebol nacional a que tem justo direito.

A nossa curiosidade e a de todos os vilarrealenses estava saciada. Conclui-

RECORDAÇÕES... RECORDAÇÕES...

(CONCLUSÃO DA 1.^a PAGINA)

ta minha que o irritara, a uma impertinente e obstinada pergunta sua, que se me afigurara subtil, quanto ao sítio onde não existiam micróbios, — resposta que ficou célebre lá nos anais da rapaziada: *entre micróbio e micróbio, não há mais micróbio nenhum!*. Assim, forçado a deixar o grosso dos *jacarés*, enfileirei com alguns deles, para a repetição da dita patologia, no curso que vinha a seguir e no qual durante os quatro anos derradeiros, tive a excelente camaradagem amiga do Leonardo de Castro-Freire, do Carlos Santos, do José Alberto de Faria, do Ramon de la Faria, para só falar dos que vivos mais se distinguiram, sem esquecer todavia o Manuel Magno, o Silva Nobre, o Rafael Franco, o Falcão de Miranda, o Guerra, o Marçal de Mendonça (meu companheiro de estudo e meu conterrâneo olhanense), e outros que ainda vivem ou a morte levou já, como o querido Carlos de Melo, o pândego crónico António Aurélio, o Nestor Mesquita (o bom *Arrinca pinheiros*), etc., que todos recordo com viva saudade.

Ora, sendo eu comensal de pensões ou restaurantes aqui ou ali, acabara por o ser do restaurante que no rés-do-chão da minha casa, a *taberna do 3-em-pipa* acabara de abrir.

Ali vinha vária rapaziada, da Politécnica ou de outros pontos, estudantes, empregados do comércio e até um actor — o malogrado actor Leitão, acabado então de vir da sua Santarém para o teatro da Trindade, onde se iniciava em rúbricas... A esse pequeno cenáculo, onde eu, de certo modo, pontificava e barafustava, vinha às vezes também parar um rapazote de seus 16 ou 17 anos, de óculos, grande gaforina revoltada, e uma caixa de flauta debaixo do braço, com quem acabei por me ligar dum amizade que tem durado inalteravelmente, e que, sendo então um simples flautista no Teatro Avenida e aluno de *Harmonia* no Conservatório, é hoje uma das glórias da música portuguesa: o maestro Rui Coelho.

Mais velho eu do que ele uns seis anos, veio encontrar-me já compositor, embora musicalmente autodidacta muito ignorante, quando ele acabara de publicar umas *Trovas para o Povo* sobre versos de João Maria Ferreira, o poeta *Sevilha*, que fora o Mecenas da edição, (em 1907, se a memória me não falha...) Ao Rui mostrava eu as passagens que ia compondo da *Belkiss*, a que acabara, como disse, por *atirar-me*,

Conforme havíamos anunciado, realizou-se, no passado domingo a regata de «yoles» de quatro entre o Centro Especial de Remo da M. P. desta vila e o seu congénere de Portimão.

A prova decorreu com animação, tendo resultado vencedora a tripulação desta vila, constituída pelos filiados: Manuel Nôia, João Parra, António de Brito, Emílio Moita e Joaquim Leal.

A Direcção do Centro local agradece a todas as entidades que contribuíram para que se revestisse de brilho o Dia do Centro da M. P. desta vila.

Sim, continuamos a encontrar dificuldades na massa associativa, que tem demonstrado falta de interesse e não tem dispensado aquele carinho acolhedor que entusiasma uma direcção e um clube. Agradecemos o auxílio prestado pela indústria da vila, e contamos que este ano corresponda de igual maneira. E' nossa intenção melhorar o campo de futebol e, para esse fim, confiamos no apoio do sr. presidente da Câmara Municipal, pessoa conscienciosa e apreciadora do desporto.

Para terminar esta entrevista, diga-nos, sr. Luís Félix, está satisfeito por continuar mais uma vez a dirigir os destinos do clube?

Apesar de já oito ou nove vezes ter pertencido à direcção do Lusitano, continuo satisfeito por fazer parte dela mais um ano, pois sinto profundamente os problemas do meu clube. O meu maior desejo era ele alcançar uma posição no futebol nacional a que tem justo direito.

A nossa curiosidade e a de todos os vilarrealenses estava saciada. Conclui-

mos que a direcção do Lusitano pensa no desenvolvimento e progresso do seu clube, apesar das dificuldades apresentadas.

Que o Lusitano Futebol Clube se eleve a um lugar meritório no desporto português (como outrora alcançou), são os nossos mais sinceros votos.

José Agostinho

ignorante teórico, mas sabendo razoavelmente solfejo e portanto capaz de escrever qualquer melodia que me nascesse no espírito, mas incapaz de a escrever de cor, não tendo ainda fixos mentalmente os intervalos. E como em Lisboa não tinha em casa piano ao dispor, valia-me, sim, do bandolim do Duarte, o sobrinho da velha D. Mariana, uma das donas da casa. Para a realização da harmonia com que as melodias expressivamente se me apresentavam é que a dificuldade era maior: ao piano, porém, era-me isso fácil, pois, procurando o baixo, imediatamente o sentido harmónico se definia pelo acorde respectivo. Assim, através destas dificuldades, procurando como um primitivo, lá ia compondo trechos ou passagens da minha ópera, — o que me surgia espontaneamente, em qualquer sítio ou ocasião e que de momento notava como me era possível, para depois ao bandolim rectificar e desenvolver, e ao piano do Rui ou ao duma velha senhora em casa de quem o Marçal estava, realizar a harmonia.

Querendo entrar um pouco no estudo teórico desta, pedira um dia ao Rui que me indicasse um tratado acessível: indicou-me o do Richter. Mas, começando a folheá-lo e estudando exaustivamente os acordes de três sons cujos sentidos já distinguia bem, quando passei aos acordes de sétima — os de quatro sons por terceiras sobrepostas, — acabei por pôr de parte o Richter e passei a explorar exaustivamente os oito acordes possíveis, por meio de uma cifra matemática que apliquei depois aos acordes de cinco sons, aos de seis, etc., até ao limite — os acordes de 12 sons diferentes, dispostos por terceiras sobrepostas, em todas as combinações possíveis. Assim, fui metendo no ouvido os sentidos harmónicos de acordes que vim depois a encontrar como novidades na música moderna e alguns deles talvez ainda nunca usados...

Ao mesmo tempo, a minha cultura musicológica alargava-se naturalmente: e começando-se a falar do Debussy, do Ricardo Strauss e dos músicos russos do grupo dos cinco, não me foi de pequeno auxílio o livro que em 1908 acabava de aparecer de Calvocoressi sobre *Mussorgsky*. Das orquestras estrangeiras que haviam vindo a Lisboa por esta época, a primeira que ouvi foi a Lamoureux, regida por Chevillard, tendo sido uma surpresa agradabilíssima para mim o esboço sinfónico de Borodine «*Nas estepes da Ásia Central*», outra as «*Impressões de Itália*», de Charpentier e outra «*O Aprendiz de bruxo*», de Paul Dukas. Em compensação, fora um desapontamento a abertura dos *Mestres Cantores* (pela execução empastada) e despercebido me passara (talvez também pela execução pouco feliz), o maravilhoso *Prélude à l'Après-midi d'un faune*. Impressionara-me também, pela Philharmonia de Munique, sob a direcção de Lassalle, então novo, místico, de longa barba ruiva, a sinfónica maravilhosa para que é a *Redenção*, de Cesar Franck; como foram um cúmulo de instrutivo agrado para mim os 4 concertos da Filarmónica de Berlim sob a regência de Ricardo Strauss (que estou ainda a ver, ficando nos intervalos junto dos músicos, à vista do público, sem qualquer pedanteria) e cujas primeiras audições em Lisboa do *Till*, da *Morte e Transfiguração* e do *D. João* foram a autêntica revelação dum novo mundo. As orquestras sinfónicas portuguesas haviam começado também já, com grande aplauso e frequência. E S. Carlos e o Coliseu rivalizavam com os melhores programas.

O Rui fora também progredindo. Do ambiente clássico degenerado do Conservatório, arrastara-o eu, sob a influência do que lia e do meu próprio exemplo de ignorante autodidacta compositor, para o campo da música de programa, sugerindo-lhe o arranjar-se a outro género de composições sinfónicas, de programa — ensaios que ele efectivava, sob a sua regência, com um grupo de músicos, igualmente alunos do Conservatório, instrumentistas vários, seus amigos, parentes e admiradores — experimentação esta que foi para ele, conforme era natural e mais tarde me confirmou, uma grande escola prática de orquestra.

Lisboa, 30 de Agosto de 1956.

Francisco Fernandes Lopes

ESCRITAS

Comerciais, Industriais e agro-pecuárias, acclamam-se em qualquer regime.

Dá informações.

Resposta a este jornal, ao n.º 13.

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

SONETISTAS E SONETEIROS

Há sonetistas e... soneteiros. Destes, reza a História, para lhes dar com o zabumba da troça. Daqueles, a mesma História reza, — mas para os pôr no altar da nossa admiração. Soneteiro qualquer pode ser. Sonetistas só raros o são.

Fazer sonetos tem sua específica técnica. E seguiu-a ou não seguiu-a — eis o problema. E que problema! Ora vamos a ver se a língua nos chega para dizer amor...

O argumento do soneto há-de ser, em primeiro lugar, da qualidade de nos arrebitar a orelha. Tudo se pode meter nos catorze versos do soneto, mas só determinados temas lhe são próprios. E os próprios há-de caracterizar-se por alguma delicada singularidade. Trivialidades não podem, não devem, engastar-se na jóia literária que é o soneto.

Os pensamentos ordenados no soneto constituirão como que uma espécie de silogismo, em que as quadras serão as premissas, e os tercetos a conclusão. Do primeiro ao último verso, o soneto será como que um regato que vem murmurando, da nascente à foz. No soneto, não haverá pontos mortos, palavras supérfluas, versos apenas de encher. Cada verso será um degrau da escada que conduz ao epílogo. Nada de degraus postigos — a fingir que são, mas não são...

O soneto possuirá a concisão cheia do ovo. Nada terá a mais, nada terá a menos, mas apenas o necessário. A fluência natural será outra das suas características. Uma fluência que não dê a impressão de suada. Camarinhas na testa, se as houve, terão sido limpas com tanta perfeição que o leitor nem sequer se aperceba delas.

Na pequenina jóia, que é o soneto, não há pequenos deslizes, porque todos a lupa da crítica promove a grandes. O sonetista faz guerra de morte a um verso forçado, às palavras impróprias, ao mais leve grão de areia que possa turbar o espelho da água corrente.

Disse o outro que «um soneto sem defeito vale um longo poema». Um, dois, três longos poemas, se ler estes for o mesmo que tomarmos narcótico às colheres de sopa...

QUEM SABE FAZ,

QUEM NÃO SABE...

Ainda Francisco Bacon não tinha traçado o preceituário da investigação científica, e já havia investigadores argutíssimos. Os grandes experimentadores são como os grandes oradores e os grandes escritores: são anteriores a todos os preceituários, ou estes digam respeito à investigação da verdade laboratorial, ou à concionatória, ou à gramática e... ilhas adjacentes.

«Quem sabe faz, quem não sabe ensina...» — disse Bernardo Shaw, julgo eu.

Bacon não foi experimentador — mas ensinou a fazer experiências. Quintiliano não foi orador, mas ensinou a fazer discursos. Epifânio não foi escritor, mas ensinou a escrever, como autor de gramáticas versadíssimo e conversadíssimo no segredo dos ditongos e com uma alta licentia em vírgulas.

Este vosso criado tem que dar grossas punhadas no peito, as punhadas do arrependimento, por já ter cometido várias vezes o pecado de ensinar aquilo que não sabe...

A ignorância é muito atrevida!

HOSPITAL DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Movimento do 1.º Semestre de 1956 do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Vila Real de Santo António:

Consultas	869
Tratamentos	5.289
Intervenções de p. cirurgia	112
Internamentos	178
Internamentos na Maternidade	51

Movimento de consultas de cirurgia, a cargo do distinto médico-cirurgião sr. dr. António Henrique Balté:

Consultas	131
Operações:	
Histerectomias	3
Gastrectomias	1
Hérnias	6
Apendicectomias	14
Tiroidectomias	2
Outras operações	24
Total	50

Notícias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

PANORAMA DA LITERATURA NA INDONÉSIA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

foram descobertas, sendo, portanto, impossível fazer uma ideia do desenvolvimento que a literatura tinha nessa altura.

No período indú-budista, a avaliar pelas obras à disposição, a literatura desenvolveu-se principalmente nas cortes dos Príncipes Reais. O povo, na generalidade, não conhecia a arte de escrever, devido ao baixo nível literário em que vivia.

Os Príncipes Reais encorajaram conscientemente os escritores, concedendo-lhes muitas facilidades. Por seu turno, os escritores deveriam habitualmente escrever-lhes louvores e outras cousas para seu prazer. Durante este período viveu um grande número de escritores e poetas. Especialmente durante o período do rei Hajam Wuruk, a literatura progrediu rapidamente e entre os escritores famosos citarei Mpu Prapanjta, com o seu livro «Negarakertagana». Ainda mesmo na actualidade, este livro tem um grande valor histórico e é muitas vezes citado em livros sobre a história da Indonésia.

O livro descreve a viagem do rei Hajam Wuruk através dos territórios submetidos às suas leis e dá-nos uma visão da grandeza e poder do Reino Madjapahit.

Um outro escritor preeminente foi Mpu Tantular, que escreveu o «Pararaton» — um livro sobre a história dos reis da Indonésia que viveram nesse período. É da autoria deste escritor a célebre frase «Unidade na diversidade», aplicada ao escudo das armas da República da Indonésia. Os livros deste período indú-budista foram escritos, geralmente, no velho idioma javanês ou em sanscrito.

No período islâmico a literatura também fez progressos. Devido a um grande número de literatos entre o povo, o desenvolvimento da literatura foi mais rápido do que no período precedente. Assim, foram poetas de renome, por exemplo, Ronggowarsito e Josodipuro, ambos ao serviço do príncipe de Surakarta (Java Central). Ambos foram considerados, por muitas pessoas de Java, como clarividentes que podiam prever cousas que ainda estavam por suceder. No seu livro «Djoko Lodang», por exemplo, Ronggowarsito fez uma predição do que se passaria na Indonésia entre os anos de 1940-50. Além disso, ele escreveu também muitos livros sobre os ensinamentos islâmicos, todos no idioma javanês. Entretanto, muitos outros escritores foram aparecendo nas outras partes do arquipélago indonésio. Contudo, todos eles usaram nas suas obras os idiomas regionais das suas terras.

Com o crescente conhecimento político, entre o povo indonésio, no princípio deste século a literatura neste país tomou gradualmente outra forma. Em todas as partes do arquipélago, o povo começou a escrever cada vez mais no idioma indonésio o qual foi adoptado, em 1928, como língua oficial do povo da Indonésia.

Este período marcou o início de uma literatura indonésia, utilizando o indonésio como meio de exprimir o pensamento de cada um. E assim, a literatura nas diversas localidades foi ficando cada vez mais para último plano. Era este o princípio da moderna era da literatura indonésia.

Neste período, a literatura consistia principalmente em novelas e poesias. Aquelas eram, na sua maioria, histórias com tendências morais, enquanto que a melhor forma de um poema era o «Pantun» — originário da Sumatra —, que em pouco tempo se tornou muito popular entre todos os grupos da população indonésia.

Nos trabalhos de muitas pessoas neste período, a influência holandesa era óbvia. Isto, sem dúvida, resultou da influência que durante muito tempo adquiriram com o domínio dos holandeses. Nos últimos vinte anos, um número considerável de escritores agrupados no «Pudjangga Baru» decidiram quebrar este curso e tentaram descobrir novas formas de expressão.

A personalidade mais conhecida e um dos fundadores daquele agrupamento literário é Takdir Ali Sjahbana, advogado, poeta, professor e ensaísta. As ideias principais contidas nas suas novelas e ensaios foram principalmente expressas com o fim de elevar a Indonésia a um lugar honroso entre as outras nações.

Takdir quis acabar inteiramente com o passado. Não lhe interessando qual a categoria que a Indonésia tivesse tido no passado, um facto é certo: em 1930 aquele país caminhava vagarosa-

mente, muito atrás dos países ocidentais, quer sob o ponto de vista material quer intelectual.

Na opinião de Takdir, o escritor indonésio deverá exercer a sua função, não apenas como um indivíduo, mas também como um chefe do seu povo, na luta pela liberdade. As suas ideias ficaram expressas claramente nas novelas que escreveu, tais como «A Lâmpada sempre acesa» e «Velas desfraldadas».

Outros associados do «Pudjangga Baru»: Sanoesi Pane e seu irmão Armijn Pane, ambos de opiniões diferentes das de Takdir. Sanoesi, por exemplo, não concordava com o desejo de Takdir de quebrar com o passado e é, pelo contrário, a favor da continuidade da história; ao inverso de Takdir, ele acredita na arte pela arte. Por outro lado, Armijn está mais separado do passado do que o seu irmão e pode ser considerado como um precursor da escola de pensamento de 1945. A sua prosa é vivida, natural e concisa.

Entre os escritores bem conhecidos, do período anterior a 1945, figuram os nomes de Abdul Muis e I. Goesti Njoman Pandji Tisna, um autor balinês que escreve sobre Bali, focando as boas e más qualidades do seu povo.

O ano de 1945 formou um marco miliário no desenvolvimento da literatura na Indonésia; viu o nascimento de uma nova geração, que se chamou a si própria a geração de 1945. Esta geração é distinta da do agrupamento «Pudjangga Baru» pelo facto desta última pôr grande ênfase no ritmo e na rima, ambos os quais foram postos de lado pela geração de 1945.

O infortúnio e o perigo sofridos durante a ocupação japonesa, e a proximidade da morte, mesmo depois da proclamação da independência, deu-lhes um significado mais profundo da vida. A geração de 1945 cresceu no meio da aflição, o que provocou uma tendência na expressão das suas obras. Todos, em conjunto, abandonaram o estilo complicado e obstrutivo do mestre-escola e do agitador, adquirindo um novo estilo criado por eles próprios, no qual as suas experiências durante o tempo de guerra provaram ser de inestimável valor.

Como representantes desta geração, mencionarei o famoso poeta Chairil Anwar, que morreu em 1949, apenas com 28 anos de idade. Possuía a habilidade de descrever estados de alma e sentimento, em frases curtas, cortantes, como ninguém tinha ainda conseguido. A sua magnífica colectânea de poemas, «A peleja de barulho e poeira», foi publicada em 1949.

A finalizar, citarei outros escritores preeminentes desta geração: Rosihan Anwar, Idrus, Asrul Sani, Pramudya Ananta Tur, Achdiat K. Miharjia e Ach K. Hadimadja. Todos eles são bons escritores de histórias curtas e alguns escreveram poemas, especialmente Rosihan Anwar.

Rollin de Macedo

A HORA DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

como do ultramar, bem como os residentes em países estrangeiros, formando aí colónias, que são verdadeiros núcleos espirituais da Pátria. E há que interessar nelas também as outras nações, sobretudo as que conosco se encontraram nos grandes caminhos do Mundo.»

Do programa geral das comemorações podem assim destacar-se, desde já, três realizações fundamentais:

1.ª — O Monumento ao Infante, a erigir em Sagres;

2.ª — A publicação de uma colectânea de antigas cartas portuguesas, sob o título *Portugaliae Monumenta Cartographica* (grande obra em 4 volumes, no formato de 48 x 61 cm., destinada a ampla difusão nos meios cultos internacionais, e em que serão reproduzidas cerca de 1.100 cartas colhidas em arquivos nacionais e estrangeiros);

3.ª — A publicação de um corpus documental, sob a designação de *Monumenta Henricina*, «que abranja e exprima no seu conjunto a vida do navegador e os acontecimentos de que a sua figura foi o centro e a inspiração», obra a que servirá de complemento uma *Bibliografia* e uma *Iconografia* Henriquinas.

Precisa-se, porém, ainda, na portaria do Ministério das Obras Públicas, de 15 de Dezembro de 1954, que aprovou o regulamento definitivo do concurso de projectos para o Monumento de Sagres:

«Art. 2.º — Consideram-se abrangidos pelo programa do concurso, além do monumento propriamente dito, a situar na zona Sul do promontório, os trabalhos de arranjo urbanístico necessários para a valorização do local, dignos da tradição histórica e destinados a criar condições de atracção turística.

§ único — Deverá ser considerada a instalação de um farol e de um museu evocativo, integrados no conjunto do monumento.»

Ora, da simples reunião,

nesto Museu, de todos os elementos cartográficos, iconográficos e de reconstituição histórica capazes de oferecerem ao visitante — estudioso ou mero turista — um ambiente tão aproximado quanto possível daquele em que no local se gerara, ou pelo menos se iluminara o sonho dos Descobrimientos, facilmente se concluirá o interesse de Sagres.

Como complemento natural de tal ambiente, em toda a província, não podem deixar de considerar-se urgentes, entretanto, outros elementos de valorização de que a mesma carece.

Um aeroporto alternante do de Lisboa, novos hotéis e pensões, mais escolas técnicas, pequenas indústrias locais que incentivem a curiosidade turística, reconstrução conveniente das Termas de Monchique, repovoamentos florestais da serra e resgate de monumentos em doloroso abandono — são tudo aspirações já expressas, em que nunca será inoportuno insistir.

E não receio, até, de que me considerem incurso em excessos de fantasia, se afirmar que, com a elevação, já finalmente assegurada, do grandioso monumento evocativo da obra do Infante, em Sagres; com o restauro, que há-de sem dúvida tentar-se até 1960, das Caldas de Monchique, e com a escolha, já igualmente decidida, do dominante pico da Fóia para centro emissor da Radiotelevisão no Sul do País, a hora do Algarve não deixará de soar enfim.

Que a oíçam com o coração todos os verdadeiros algarvios, não esquecidos de que foram as privilegiadas condições naturais da região, hoje sua província, que fizeram da romana Osónoba e da arábica Xelbudas das mais opulentas cidades e dos mais belos centros culturais do Mundo de então.

Lisboa, Setembro de 1956.

Mateus Moreno

Visado pela Comissão de Censura

SERVIÇO TELEFÓNICO DE ALCOUTIM

(CONTIUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

Na qualidade de Presidente da Câmara, permita V. Ex.ª que, através das colunas do «Notícias do Algarve», tome a liberdade de prestar aos seus numerosos leitores os esclarecimentos necessários, pelos quais se poderá deduzir que a culpa cabe aos C. T. T. e não a «alguém que se prontifique a tomar esse encargo», «nem a boa vontade dos próprios alcoutinenses», que desejam, como nós, muito sinceramente este benefício.

Antigamente, o horário permanente dos telefones em Alcoutim era assegurado pelo posto particular n.º 7 (Hospital), para o qual era feita a ligação após o encerramento da Estação dos Correios. Não sei porquê, a Comissão Administrativa que agora superintende na Santa Casa da Misericórdia suspendeu esse serviço, sem que disso a Câmara tivesse conhecimento para diligenciar a sua substituição. Deste modo, só casual e pessoalmente me apercebi da realidade dos factos quando, em Março, tive necessidade de me utilizar desse telefone. Assim, como era meu dever, no dia seguinte, telefonicamente expus o assunto ao Ex.º senhor Chefe da Circunscrição do Baixo-Alentejo e, telefonicamente também, acordámos que a instalação do posto permanente seria efectuada no quartel da Guarda Republicana.

De facto, pouco tempo depois, o Ex.º senhor Comandante daquele posto da G. N. R. informava-me de que de Beja lhe haviam comunicado estar solucionado o assunto e que muito brevemente se procederia à ligação desejada.

No entanto, o tempo foi passando, o «brevemente» nunca mais chegava e esta situação triste mantinha-se. O telefone permanente não aparecia. Esta demora obrigou a Câmara, por seu ofício de 5 de Abril, a procurar junto da Repartição competente pela solução deste melhoramento indispensável à vila de Alcoutim. Só em 16 de Junho o Ex.º senhor Chefe da Circunscrição de Exploração me comunicava «que estão

em curso os trabalhos para aumentar para três o número de circuitos telefónicos entre Alcoutim e Mértola, pelo que, dentro de pouco tempo, haverá possibilidades de assegurar as comunicações com essa Vila depois das 18 horas.»

Em 27 de Julho, decorrido mais dum mês, a Câmara voltou a officiar aos C. T. T. de Beja, a pedir o melhor interesse na solução deste problema, pois não se compreendia que uma sede de concelho estivesse sem qualquer comunicação depois das 20 horas, nos dias úteis e depois das 12, aos domingos.

Em resposta a este nosso ofício, é a Câmara informada, em 17 de Agosto corrente, de que estão em curso os trabalhos de aumento dos circuitos entre Mértola-Alcoutim.

Manter-se-á por muito tempo este estado de coisas, que pode acarretar prejuízos muito graves para o concelho? E esta pergunta que nós, os alcoutinenses, fazemos todos os dias, sem que obtenhamos qualquer resposta.

Seja como for, a verdade dos factos, para conhecimento de todos, é a que fica exposta. Por aqui podemos concluir todos que, em Alcoutim, «há alguém com habilitações literárias e idoneidade» que se prontificou, há perto de meio ano, a «tomar esse encargo» e, apesar disso, a Administração Geral dos C. T. T. ainda não deu «satisfação ao que se pretende». Que este esclarecimento chegue às entidades competentes e se encontre uma solução imediata para a resolução dos nossos interesses, são os nossos desejos muito sinceros, e não nos move outro fim que não seja o de fazermos luz numa escuridão e de conseguirmos que a realização das nossas ambições seja um facto.

Sem outro assunto, apresento a V. Ex.ª os meus melhores cumprimentos e antecipadamente agradeço a atenção que puder dispensar a este problema de interesse vital para Alcoutim e peço desculpa da maçada que vou causar.

A bem da Nação

O Presidente da Câmara,

a) José Maria Mendes Amaral

VIDA CORPORATIVA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Indústria Gráfica

Por Sua Ex.ª o Ministro das Corporações e Previdência Social foi retirada a aprovação aos §§ 2.º e 3.º da cláusula 16.ª do contrato colectivo de trabalho celebrado entre o Grémio dos Industriais Gráficos e os respectivos Sindicatos de Lisboa, Porto e Coimbra.

Previdência para os operários conservelros

Motoristas Marítimos e Fluviais

Vai entrar em vigor a concessão de pensões por invalidez e velhice ao pessoal da indústria de conservas de peixe, as quais, por ora, apenas abrangem o pessoal masculino. Como o assunto interessa a um largo sector de trabalhadores desta vila, publicaremos, no próximo número, as condições em que esses pagamentos vão ser efectuados.

Foi sancionada a eleição dos corpos gerentes do Sindicato Nacional dos Motoristas Marítimos e Fluviais do Distrito de Faro, para o triénio de 1956-58, assim constituídos: Assembleia Geral presidente, Artur Bento Domingues; secretários, João Samúdio e Francione-te de Almeida Arvela; (suplentes) João José Viegas, José Ferreira da Cruz e Alberto Mário Germano. Director: José Martins Cativo, Erlando Baptista Rosa, João Francisco dos Santos Lima, Carlos Fausto do Carmo Valentim e Joaquim Lucia-

«Concurso das Construções na Areia» na Praia de Monte Gordo

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ções no momento do certame.

Nalguns casos, como sempre acontece, a veia artística dos respectivos papás prestou uma valiosíssima contribuição.

A organização foi impecável. E Erico Braga, o infatigável animador do Concurso das Praias, assistido pelos srs. presidentes da Câmara Municipal e da Comissão de Turismo, que também faziam parte do júri, não parou um só momento, no recinto da prova, onde se viam muitos «artistas» já conhecidos do ano passado, lado a lado com os «novos», todos empenhados em apresentar obra esmerada.

A hora do nosso jornal entrar na máquina, ainda não são conhecidas as classificações, pelo que só poderemos dá-las à estampa no nosso próximo número, juntamente com a notícia da distribuição dos prémios que teve lugar, na esplêndida sala de baile do Casino Oceano.

Entretanto, não queremos deixar de, mais uma vez, render homenagem ao «Diário de Notícias» pela sua simpatíssima iniciativa, que tanto êxito tem granjeado, transformando o Concurso das Praias num dos mais festejados atractivos para os pequenos frequentadores das principais praias portuguesas.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia!